

MULHERES E MODERNIDADE: RESGATE PROJETUAL DE ARQUITETAS EM RECIFE, NOS ANOS 1950

WOMEN AND MODERNITY: PROJECTIVE RESCUE OF ARCHITECTS IN RECIFE, IN THE 1950S

Alcília Afonso de Albuquerque Melo¹

RESUMO: O texto pretende resgatar alguns projetos produzidos por arquitetas em Recife durante a consolidação da modernidade nos anos 50 do século XX. Sabe-se das questões sociais que envolvem tal discussão, devido às limitações profissionais que havia naqueles anos para uma participação mais efetiva no meio. Propõe-se socializar a contribuição das profissionais e vivências de identidade silenciadas pela historiografia da modernidade arquitetônica brasileira. Entretanto, o enfoque aqui será o arquitetônico, projetual, mas frisando que tais questões sociais já vem sendo objeto de estudos de pesquisadoras recifenses. Para a produção do texto, as fontes primárias utilizadas foram a documentação existente no acervo do Centro de Artes e Comunicação (CAC), da atual Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Palavras-chave: arquitetas; modernidade, projetos arquitetônicos, patrimônio moderno.

ABSTRACT: The text intends to rescue some projects produced by architects in Recife during the consolidation of modernity in the 1950s. It is proposed to socialize the contribution of professionals and identity experiences silenced by the historiography of Brazilian architectural modernity. However, the focus here will be the architectural, projective, but stressing that such social issues has already been the object of studies by “recifense” researchers. To produce the text, the primary sources used were the existing documentation in the col-

1 Professora Adjunta do curso de arquitetura e urbanismo da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: kakiafonso@hotmail.com ORCID: 0000-0002-6344-9329

lection of the Center for Arts and Communication (CAC), of the current Federal University of Pernambuco (UFPE).

Keywords: architects; modernity, architectural projects, modern heritage.

INTRODUÇÃO

Esse texto pretende resgatar de forma breve alguns projetos produzidos por arquitetas em Recife durante a consolidação da modernidade nos anos 50 do século XX. Sabe-se das questões sociais que envolvem tal discussão, devido às limitações profissionais que havia naqueles anos para uma participação mais efetiva no meio. Nesse contexto, proponho socializar a contribuição das profissionais e vivências de identidade silenciadas pela historiografia da modernidade arquitetônica brasileira. Entretanto, o enfoque aqui será o arquitetônico e projetual, mas frisando que tais questões sociais já vem sendo objeto de estudos de pesquisadoras como Andrea Porto (2021), que realizou recentemente estudos sobre o tema, como será tratado mais adiante.

Para a produção do texto, as fontes primárias utilizadas foram a documentação existente no acervo do Centro de Artes e Comunicação (CAC), da atual Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), que possui um acervo oriundo do curso de arquitetura da Escola de Belas Artes de Pernambuco (EBAP) da Universidade do Recife, que permitiu realizar levantamento sobre número de alunas matriculadas nos anos de 1950, 1957 e 1959, produzindo algumas reflexões que serão aqui tratadas. Como fonte secundária, foi consultado o jornal *A Folha da Manhã* que, devido ao seu suplemento dominical titulado Arquitetura, produzido pelo Instituto de Arquitetos de Pernambuco (IAB), permitiu constatar a presença feminina em atividades culturais, sindicais e profissionais, atuando como autoras ou coautoras de projetos arquitetônicos. Esclareço que sobre esse tema há muito o que ser estudado, pesquisado e aprofundado, considerando que, infelizmente, a historiografia arquitetônica somente recentemente vem se dedicando a resgatar e divulgar o real papel feminino na produção da arquitetura. E por isso, enquanto mulher, arquiteta e pesquisadora, nada mais justo que dedicar um artigo para dar continuidade para tal discussão.

Porto (2021) realizou em sua tese doutoral uma pesquisa sobre “as arquitetas no Recife: uma leitura de gênero das parcerias entre casais de arquitetos formados na década de 1960”, cujo estudo “investiga as arquitetas formadas na década de 1960, na Faculdade de Arquitetura do Recife, e suas trajetórias profissionais. O recorte do estudo centra-se nas arquitetas cujas trajetórias cruzam-se com a de seus próprios maridos, também arquitetos” (Porto, 2021, p. 9).

Este estudo pretende, preliminarmente, tirar das “sombras” nomes de imensa importância para a construção do cenário da arquitetura moderna em Pernambuco, cuja historiografia, sem a participação das mulheres, pode ser considerada não só incompleta, como excessivamente aderente aos mitos da criação individual e do protagonismo masculino. (Porto, 2021, p. 22)

A FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Antes de tudo, é importante iniciar o resgate observando-se onde ocorria a formação das arquitetas que atuaram em Recife nos anos 50. Afonso (2006), em sua tese doutoral, discorreu sobre o curso da EBAP, bem como Marques (1983), que realizou um apanhado sobre a formação e atuação da escola em seus primeiros momentos. Outra fonte importante é Lima (1985) que, no livro “Modulando”, tratou em um de seus capítulos sobre o ensino do curso de arquitetura, enriquecendo a compreensão sobre a importância da formação acadêmica. Aqui, ver-se-á a presença feminina nestas primeiras turmas da década de 50 ao observar três listagens de alunos matriculados no curso de arquitetura da EBAP, nos anos de 1950, 1957 e 1959, abrindo caminho para algumas conclusões sobre a presença feminina nessas turmas, iniciadas em 1946.

Em 1950, havia cinco turmas do primeiro ao quinto ano, ou seja, que entraram supostamente em 1946. Na turma do primeiro ano, a que entrou no ano de 1950, havia vinte alunos matriculados, possuindo apenas duas alunas mulheres: Maria Helena de S. Barros e Zélia Pessoa de Melo. Na turma do segundo ano, com entrada em 1949, havia treze alunos, sendo duas alunas: Dulce Lopes e Elie Paul Thomas. Na do terceiro ano, com entrada em 1948, apenas três alunos e todos homens; fato que ocorreu também com a turma do quarto ano, com sete alunos masculinos. Finalmente, na turma do quinto ano, havia oito alunos, sendo duas mulheres: Neily Mau-

ricio de Abreu e Helleny Albuquerque Marques Lins. Entretanto, Helleny Lins não concluiu seu curso na EBAP, necessitando-se maiores informações sobre essa conclusão, pois ela aparecerá graduada e com trabalhos publicados em jornal local. Desse modo, com um número total de cinquenta e um alunos matriculados nesse ano de 1950, apenas seis eram alunas, ou seja, aproximadamente 12% de presença feminina na formação em arquitetura.

Observando o documento dos alunos matriculados em 1957 na EBAP, um ano bastante significativo no cenário arquitetônico pernambucano e recifense, devido à realização do congresso nacional de arquitetura na cidade, observa-se um aumento no número de alunos matriculados, com total de setenta e oito, sendo dezenove mulheres, alcançando um percentual de 24% de presença feminina.

Na turma do primeiro ano de 1957 estavam matriculadas duas alunas: Elenyr Duelare Ramalho e Miriam de Melo Cordeiro; no segundo ano, entre os sete alunos estavam Sonia Marques e Zélia Lafayette; no terceiro ano, entre os vinte e três alunos – uma turma relativamente grande para aquela época –, quatro eram alunas: Maria de Lourdes Rangel, Liana de Barros Mesquita, Julia de Figueiredo Rocha e Lucia Ferreira. Na turma do quarto ano, de dezoito alunos, cinco eram mulheres: Gilda Pina, Ridete Tavares, Marly Câmara, Ebbe Cardoso e Dora Asksenfeld. No quinto ano, na turma que entrou supostamente em 1953, entre os vinte e seis alunos, seis eram alunas: Maria Lúcia Motta, Neide Azevedo, Marlene Ribeiro, Edileusa Oliveira, Maria Conceição Lafayette e Ana Maria Lubambo.

Nesse ano pode-se observar a presença de alunas inscritas e profissionais já graduadas no V Congresso Brasileiro de Arquitetura (de 29 a 31 de julho de 1957) que teve uma listagem publicada na página Arquitetura do jornal *A Folha da Manhã*, do dia 4 de agosto de 1957, no qual observou-se que, dos noventa e sete inscritos pelo estado de Pernambuco, apenas sete eram mulheres, ou seja, 7%, apenas, de participação feminina. Frisa-se que tiveram outros inscritos por estado e que aqui está sendo tratado especificamente o caso pernambucano, recifense.

Entre as profissionais inscritas no evento nacional que ocorreu na capital pernambucana, aparecem os nomes de arquitetas já graduadas e atuantes na cidade, como Ana Regina Moreira, Helleny Lins, Maria de Jesus Duarte, Gilvanete Cordeiro Rosas, Clotilde Loreto e de estudantes como Dora Asksenfeld e Ridete Tavares. Constata-se uma participação muito in-

ciente das mulheres na assistência do congresso e, conseqüentemente, um distanciamento das discussões profissionais que envolviam a arquitetura naquele período.

No ano de 1958, de uma listagem que contém os nomes da turma de graduados em arquitetura na EBAP, dos dezesseis diplomados, apenas quatro eram mulheres: Dora Asksenfeld, Ebbe Cardoso, Gilda Pina e Marly Câmara. Já em 1959, estavam matriculados setenta e seis alunos, sendo dezoito mulheres, observando-se, no final da década, um crescimento da presença feminina na graduação em arquitetura, pois 23,68% eram alunas. Crescimento esse que já ocorrera, conforme foi visto, a partir de meados da década de 50, a exemplo da análise do ano de 1957.

Na turma do primeiro ano de 1959, entre os vinte e dois alunos, tínhamos sete alunas: Arlete Oliveira, Christina B. M. Jucá, Lyjane Acioly, Maria Lúcia Barbosa, Maria Luiza Carvalho, Sylvia de Castro e Taciana Vazemberg. Na turma do segundo ano, dos onze alunos, duas eram alunas: Flávia F. Hora e Maria Dilza Ramos; no terceiro ano, de dezoito alunos, quatro eram mulheres: Maria do Rosário Costa, Myriam Cordeiro, Paola Borrique e Zélia Lafayette Bezerra; da turma do quarto ano, apenas o nome de Sonia Marques, entre os sete alunos matriculados; e no quinto ano, entre os que estavam se graduando havia dezoito alunos, sendo quatro mulheres: Liana de B. Mesquita, Lúcia de Fátima de N. Silva, Maria Lourdes Rangel e Ridete Tavares.

Pode-se concluir que a formação profissional em arquitetura, durante a década de 50, foi tendo a presença gradativa de mulheres ao longo dos anos, fazendo com que o cenário fosse gradativamente se convertendo para o que vemos atualmente, que é a presença superior de mulheres em cursos de graduação em arquitetura no estado e, conseqüentemente, uma atuação mais marcante na produção projetual e demais setores relacionados às atividades na área.

RESGATE PROJETUAL DE ARQUITETAS QUE ATUAVAM EM RECIFE NOS ANOS 50

Como estudos de casos, serão apresentadas aqui algumas produções arquitetônicas de quatro arquitetas que tiveram alguns de seus traba-

lhos publicados na página Arquitetura, do jornal *A Folha da Manhã*, fonte secundária utilizada para elaborar esse texto.

Serão tratadas as arquitetas: Ana Regina Moreira, Helleny Lins, Zélia de Melo Maia Nóbrega e Maria de Jesus Costa, expondo um pouco sobre a respectiva produção projetual. Algumas das arquitetas terão seu trabalho analisado em parceria com seus esposos, tais como a arquiteta Helleny Lins que atuou com seu sócio e esposo Florismundo Lins; e Ana Regina Moreira, que trabalhava em parceria com seu esposo e arquiteto Hélio Moreira.

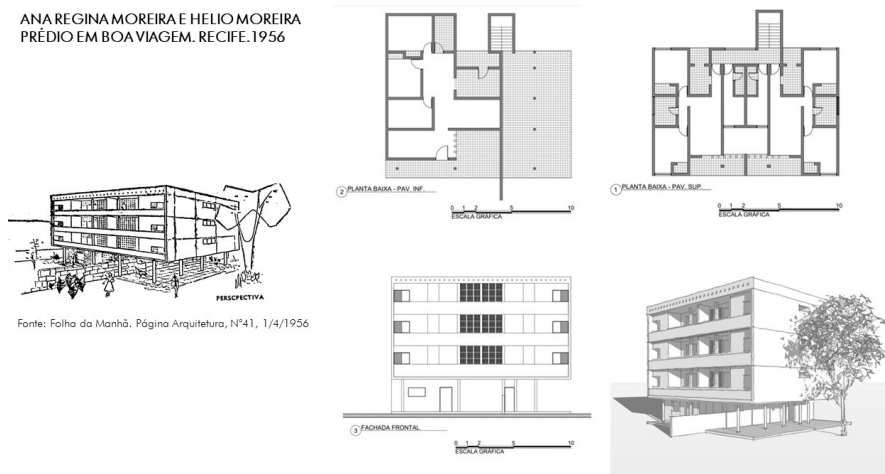
ANA REGINA MOREIRA

A arquiteta Ana Regina Moreira atuava em parceria com seu esposo e arquiteto Hélio Moreira e suas produções foram amplamente divulgadas na página Arquitetura, do jornal *A Folha da Manhã*, tendo elaborado projetos residências unifamiliares e multifamiliares, tanto em Recife quanto em outras cidades do nordeste brasileiro, como João Pessoa, contribuindo para a disseminação dos princípios de arquitetos formados pela EBAP, ex-alunos de Russo, Borsoi, Amorim e Heitor Maia Neto.

Ana Regina Moreira esteve presente em muitas publicações, podendo-se afirmar que foi a profissional mais presente nas páginas dominicais da seção Arquitetura. Foram dezenas de projetos publicados, destacando entre eles: edifício de apartamentos em Boa Viagem, residência unifamiliar no bairro da Iputinga, residência unifamiliar em João Pessoa, Paraíba, entre outros.

Observa-se nos textos publicados um discurso voltado aos problemas de zoneamentos, soluções climáticas, adoção de volumes bloqueados e a maior parte com dois pavimentos, adotando forma pura e com empenas cegas. As soluções projetuais das residências parecem ter sofrido uma influência do professor Acácio Gil Borsoi, pois se notam muitas semelhanças formais entre as obras do casal de arquitetos com as desenvolvidas na mesma época por Borsoi naqueles anos em Recife.

Figura 1 - Redesenho do prédio tipo Bloco na praia de Boa Viagem, 1956.



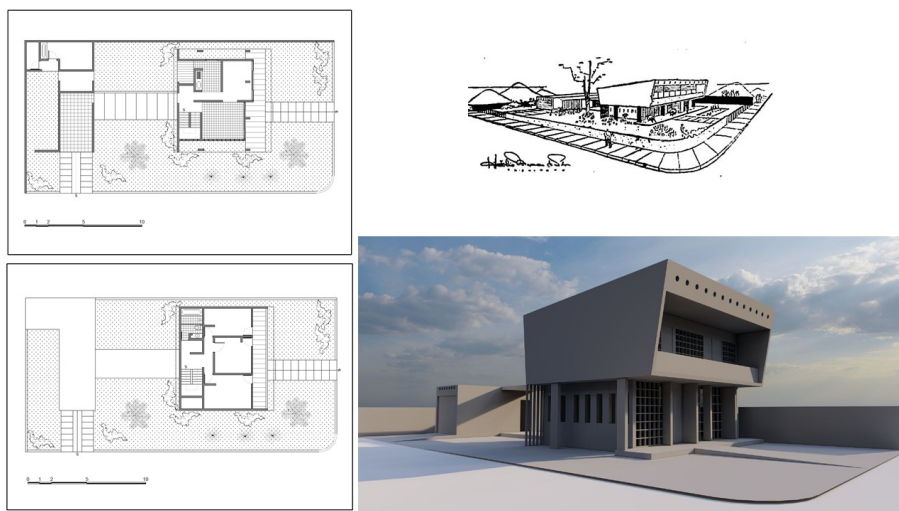
Fonte: Montagem da autora com redesenhos de Fernando Augusto Medeiros Filho, baseado em publicação da *Folha da Manhã*, Página Arquitetura, n°41, 1/4/1956, 2022.

No projeto para um edifício pequeno de apartamentos (fig. 1) – solução bastante comum naqueles anos na cidade de Recife –, Ana Regina e Héliomora Moreira projetaram para o bairro de Boa Viagem um edifício multifamiliar composto por sete apartamentos, sendo um no térreo, dialogando com uma área livre de pilotos; e seis apartamentos nos demais pavimentos, sendo dois por andar. A unidade do térreo era maior e possuía três quartos, sala de jantar, living, cozinha e banheiro social. As demais possuíam dois quartos, sala única, cozinha, serviço com dependência para empregada, varanda e área de serviço. O casal explicou em texto publicado: “o partido adotado apresenta as seguintes vantagens: 1) restrição da área comum a selar; 2) uma residência térrea com jardim privado e quintal; 3) aproveitamento da área sob pilotos para uso comum dos apartamentos, como playground e jardim” (Moreira & Moreira, 1956), e nesse mesmo texto faz referência ao “sistema de ventilação cruzada para o bloco de apartamentos”.

Essa solução de propor um uso misto: casa no térreo e apartamentos nos demais pavimentos, se tornou uma constante na produção do casal de arquitetos, pois em outro projeto também publicado na coluna Arquite-

tura, eles adotaram o mesmo partido projetual. Naquela época, os apartamentos possuíam espaços generosos, cômodos mais amplos e que sempre possuíam detalhes climáticos que tiravam partido da ventilação cruzada para melhoria do conforto ambiental, uma vez que não se tinha ainda o uso de condicionadores de ar.

Figura 2 - Proposta de residência em João Pessoa / PB



Fonte: Montagem da autora com redesenhos de Fernando Augusto Medeiros Filho baseado em publicação da *Folha da Manhã*, Página Arquitetura, 9 /6/1957, n° 89, 2022.

Outro projeto desenvolvido pelo casal e publicado no jornal consultado foi uma residência na cidade paraibana de João Pessoa (fig. 2), no bairro de Manaira, para o Dr. Celso Leite. Na publicação os autores iniciam explicando o programa de necessidades: “3 quartos, banheiro completo, sala de estar, terraço social, sala de refeição, copa, cozinha e demais dependências destinadas ao pessoal de serviço” (*Folha da Manhã*, Página Arquitetura, n° 89, 9/6/1957).

Observa-se no texto uma preocupação enfocando a funcionalidade da casa, pois o primeiro tema tratado foi o programa de necessidades, que mostra um pouco sobre a vida doméstica familiar e suas divisões espaciais. Relatam, ainda, sobre o partido adotado e a opção de trabalhar com dois blocos, “sendo um com dois pavimentos e outro térreo. No bloco de dois pa-

vimentos se encontra localizada a parte íntima, no pavimento superior e no térreo, a parte social e algumas peças da parte de serviço” (*Folha da Manhã*, Página Arquitetura, n° 89, 9 /6/1957). No bloco posterior de apenas um pavimento, “estavam a garagem e as dependências destinadas aos serviços”. Esse tipo de divisão em dois blocos foi muito comum nas casas daqueles anos, ao separar a zona social e íntima da de serviços. Os empregados não possuíam seus espaços agregados ao volume da casa em si, mantendo uma certa influência escravocrata, colonial, de separação entre proprietários e serviços.

Mais uma vez, observa-se a preocupação bioclimática dos autores que reforçam o zoneamento tirando partido da ventilação: “Foi adotado o partido levando em consideração ser o terreno frente para a ventilação, daí a necessidade dos dois pavimentos, a fim de permitir uma melhor orientação em função dos ventos predominantes” (*Folha da Manhã*, Página Arquitetura, n° 89, 9 /6/1957). Esse olhar para as questões climáticas sempre está presente nos textos explicativos de projetos do casal, denotando uma busca constante por um conforto ambiental nas residências unifamiliares e multifamiliares projetadas por eles.

Outro ponto tratado no texto é sobre a acessibilidade à garagem e o agenciamento paisagístico da obra, que adotou linhas neoplásticas claras e bem delimitadas em planos, para a criação de pátios de serviço e jardim: “O terreno de esquina permitiu fazer o acesso da garagem pela rua menos transitada. Dessa peça temos o acesso à parte social através de uma passarela que separa o pátio de serviço do jardim.” (*Folha da Manhã*, Página Arquitetura, n° 89, 9/6/1957).

HELENY LINS E FLORISMUNDO LINS

O casal Florismundo Lins e Heleny Lins trazem de suas formações na Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) do Rio de Janeiro, todos os critérios tão trabalhados ali pelo mestre Lúcio Costa em seu discurso teórico e prática profissional, elementos precursores da modernidade brasileira naqueles anos. A influência de Oscar Niemeyer também está presente no vocabulário desses arquitetos que retomam soluções adaptando-as às suas propostas locais, como foi visto nos projetos residenciais para o bairro de Boa Viagem.

Florismundo Lins nasceu em Pernambuco, mas formou-se em arquitetura pela Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro (ENBA),

retornando ao Recife onde, junto com sua esposa, a arquiteta Heleny Lins, desenvolveu uma série de projetos na década de 1950, principalmente na área residencial, como pôde ser verificado no material coletado no jornal *Folha da Manhã*. As pesquisas apuraram algumas informações importantes sobre o arquiteto, mas poucas ainda sobre Heleny Marques, que aparece apenas como coautora nas publicações das obras na página Arquitetura da *Folha da Manhã*.

Florismundo Marques Lins Sobrinho (1924-2015) era graduado em arquitetura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e iniciou suas atividades profissionais em 1949, no Recife, juntamente com a sua esposa, a também arquiteta Heleny Marques Lins, na Construtora Lins. Após o fim da empresa, em 1960, Florismundo passou a seguir a carreira pública, ingressando no quadro de arquitetos da Universidade Rural de Pernambuco (UFRPE), no setor de planejamento.

Segundo informações do site do Conselho e Arquitetura e Urbanismo de Pernambuco (CAU-PE), além de trabalhar na UFRPE – onde foi pró-reitor de Planejamento entre os anos 1983 e 1987 –, o arquiteto presidiu o Instituto de Arquitetos do Brasil em Pernambuco (IAB-PE), fundou o Sindicato dos Arquitetos de Pernambuco (SAEPE) e atuou como conselheiro do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia de Pernambuco (CREA-PE).

Entre seus projetos estão o campus do Centro Universitário de João Pessoa, na Paraíba, e o Hospital dos Servidores Públicos de Pernambuco (projetado em parceria com o arquiteto Geraldo Magela), o Ginásio do Sesc (1963) e o projeto da sede do CREA: todos em Recife.

Como sócio fundador do SAEPE, foi o seu primeiro presidente, sendo uma referência na luta sindical em todo país. Desde a criação do Instituto de arquitetos do Brasil, seção Pernambuco (IAB-PE), o arquiteto sempre atuou em trabalhos desenvolvidos pelo Instituto, sendo presidente da instituição entre 1956 e 1957, quando dinamizou a divulgação do papel dos arquitetos no estado.

Uma das principais obras do casal em Recife foi o projeto para o Núcleo residencial do Ibura (1958), elaborado para o Instituto de Previdência dos Servidores do Estado de Pernambuco e publicado na revista *Bem-Estar*, no ano de 1958, em coluna especial intitulada “O Arquiteto e o Bem-Estar Social”.

Segundo Espinoza e Liu (2016), o conjunto projetado para um total de 293 famílias foi composto por 81 blocos com 600 apartamentos. A solução urbanística do conjunto projetado contemplou (de modo similar ao caso baiano), grandes áreas verdes, um centro comercial, escola, biblioteca e um clube social esportivo. É interessante destacar que o plano de urbanização teve influência das discussões em torno ao “habitat” e à preocupação dos profissionais pela pouca produção de habitação popular, realizadas no III Congresso de Arquitetos Internacional.

Figura 3 - Tipologia do conjunto residencial projetado para o Banco Hipotecário do Lar Brasileiro.



Fonte: *Folha da Manhã*, Página Arquitetura, 18/11/1955.

Entre os projetos publicados destaca-se o conjunto residencial projetado para o Banco Hipotecário do Lar Brasileiro, composto por 16 empre-

endimentos residenciais de diferentes tipologias, porém com características comuns, como ter todos dois pavimentos e adotar os critérios da modernidade como linguagem (fig. 3). Esses projetos adotaram plantas moduladas, janelas horizontais, coberturas com lajes inclinadas, paredes trapezoidais, apresentando características formais e funcionais que já vinham sendo utilizadas em outros projetos locais, consolidando ainda mais a linguagem moderna na cidade, principalmente no bairro de Boa Viagem, que nessa época se afirmava como lugar privilegiado para as casas da classe média alta.

Sem dúvida, percebe-se que os arquitetos produziram muito trabalho nesse bairro, que estava em desenvolvimento naqueles anos, como pode ser constado na publicação de outros projetos residenciais presentes na página de Arquitetura do jornal *A Folha da Manhã*.

Na Avenida Beira Mar, no bairro de Boa Viagem (fig. 4), foi projetada outra residência que, assim como as demais previstas para o conjunto residencial do Banco Hipotecário do Lar Brasileiro, apresenta influências de Niemeyer, utilizando planos inclinados de paredes nas fachadas, telhados em asa de borboleta e fechamentos com muxarabis para proteção climática de terraços, elementos utilizados pelo arquiteto carioca no Centro Aeronáutico de São José dos Campos, por exemplo.

Figura 4 - Tipologia do conjunto residencial projetado para o Banco Hipotecário do Lar Brasileiro.

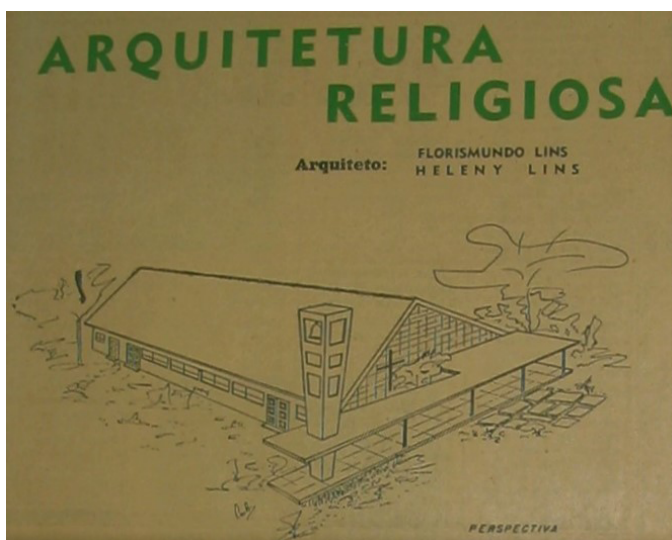


Fonte: *Folha da Manhã*, Página Arquitetura, 18/11/1956.

Outro projeto do casal de arquitetos foi uma igreja com linhas modernas para o distrito de São João de Garanhuns (1956), solução simples e bastante curiosa por propor uma obra moderna e de baixo custo para uma cidade do interior (fig. 5), mas que, apesar de sua simplicidade, o projeto propôs uma marquise de acesso em concreto armado acoplado a uma torre para o sino, que conseguiu obter um bom resultado plástico. Os autores do projeto escreveram sobre a obra em 1956:

Levando em conta os condicionantes financeiros, os arquitetos foram levados a estudar uma igreja cuja estrutura fosse a mais simples possível, e que desse lugar a um acabamento de baixo custo, com bom aspecto. O projeto além do coro, no 2º pavimento, apresenta uma área confortável para o batistério. A entrada toda coberta por uma laje de concreto armado liga a torre ao bloco geral fornecendo abrigo para os fiéis. O altar se apresenta com o fundo curvo dando boa visibilidade em todos os pontos da nave. Na nave central estão localizados os bancos para orações e as naves laterais têm a fundação própria de circulação e localização dos confessionários. Esta igreja tem capacidade para 350 pessoas. A parte destinada a serviço como seja: secretaria, arquivo, sacristia e sanitários, está localizada atrás dos altares. Ficando situada em meios de vaso terreno, apresenta boa perspectiva em qualquer de seus ângulos (*Folha da Manhã*, Página Arquitetura, 2/12/1956).

Figura 5 - Igreja para o distrito de São João de Garanhuns / PE.



Fonte: *Folha da Manhã*, Página Arquitetura, 02/12/1956.

ZÉLIA DE MELO MAIA NÓBREGA

Outra arquiteta que esteve presente nas publicações da coluna Arquitetura foi Zélia de Melo Maia Nóbrega, que nasceu em Nazaré da Mata, e estudou arquitetura em Recife, graduando-se em 1954. Em 1958, foi residir em Maceió, por ter se casado com o engenheiro alagoano, Vinícius Maia Nobre.

Zélia Nóbrega foi uma das precursoras da modernidade em Maceió, levando para aquela cidade toda a influência e conhecimento adquirido nos estágios no Instituto Tecnológico de Pernambuco (ITEP), onde adquiriu experiência no uso dos materiais de construção, e no escritório Técnico da Cidade Universitária (ETCUR), dirigido pelo arquiteto e professor italiano Mário Russo, com colaboração de seu conterrâneo e também arquiteto, Filippo Melia.

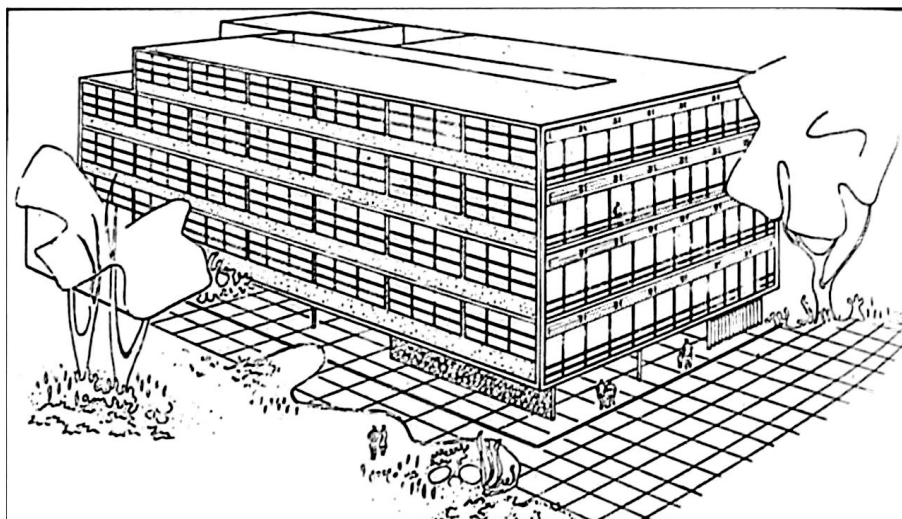
Segundo Porto (2021), a arquiteta sempre foi muito atuante, desde estudante e na sua carreira profissional desenvolvida em Alagoas, onde exerceu diversos cargos públicos, projetou várias obras modernas e ainda fez parte da criação do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), em 1973.

Na coluna Arquitetura do jornal *A Folha da Manhã* está publicada uma obra de sua autoria, um hotel na cidade de Maceió, composto por um volume purista em quatro pavimentos sobre pilotis.

O programa foi distribuído de maneira racional por pavimento, sendo o primeiro pavimento destinado ao setor social, parte dos serviços e apoio, com serviços hoteleiros, como uma agência de viagens. O segundo pavimento era composto de hall, quatro apartamentos, restaurante e uma parte dos serviços hoteleiros. Os espaços do segundo ao quarto pavimentos ficaram destinados ao setor de hospedagem, abrigando doze unidades por andar e rouparias, totalizando quarenta unidades (quatro no segundo pavimento e trinta e seis nos demais).

No texto publicado na coluna Arquitetura, observa-se uma preocupação da arquiteta com a funcionalidade dos espaços projetados, pois grande parte tratou de explicar a solução do programa em planta.

Figura 6 - *Proposta para Hotel na cidade de Maceió*



Fonte: Maia (1956).

Ao analisar a proposta volumétrica (fig. 6), pode-se observar o uso de uma trama ordenadora nas fachadas, com a divisão de planos muito bem delimitados para o desenho das esquadrias e marcação estrutural que, com certeza, foi influenciada pela sua formação arquitetônica no curso de arquitetura e urbanismo da EBAP, com os professores Russo, Borsoi e Amorim que, como responsáveis pelas disciplinas de pequenas e grandes composições, repassavam para seus alunos os princípios de modernidade adotados também por eles em suas obras.

MARIA DE JESUS COSTA

Pouco se sabe sobre a biografia de Maria de Jesus Costa. Entretanto, enquanto ainda era estudante, projetou o “Centro de recuperação para menores delinquentes”, projeto com o qual obteve o primeiro lugar no prêmio do IV Congresso Nacional de Estudantes de Arquitetura, ocorrido em Belo Horizonte em 1956. O projeto foi divulgado na página Arquitetura do jornal *A Folha da Manhã* e, de acordo com as imagens da publicação (fig. 7), trabalhou com um programa arquitetônico dividido em

volumes destinados à administração e ao chamado “lar” que poderia ser multiplicado como um protótipo.

Figura 7 - Centro de recuperação para menores delinquentes.



Fonte: “Centro de recuperação para menores delinquentes” (1955).

Na solução proposta, observa-se o uso da modulação para gerar a planta, que se apresenta de forma racional, setorizada, empregando módulos para os ambientes e interagindo com a criação de pátios ajardinados para a melhoria do conforto ambiental. Essas soluções foram usadas em ambos os volumes, denotando a preocupação de Maria de Jesus com as questões climáticas da proposta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse texto apresenta uma pequena amostra da produção arquitetônica dessas mulheres que atuaram de forma precursora na cidade de Recife dos anos 50, tentando se inserir em um mercado dominado pelos homens e enfrentando preconceitos de uma sociedade na qual as mulheres deveriam ser, apenas, esposas, progenitoras e administradoras do lar. Desse modo, este artigo atua como uma semente para o aprofundamento das pesquisas que vêm sendo realizadas sobre o trabalho de cada uma delas, bem como sobre a trajetória de suas outras companheiras que colaboraram para a consolidação de uma linguagem moderna em Recife e no nordeste brasileiro, indo além do que foi escrito pela historiografia da arquitetura brasileira, que limita as produções ao trabalho realizado apenas pelos homens.

A proposta é, cada vez mais, realizar uma coleta para análise projetual dessa produção e divulgar sempre os resultados que vêm sendo alcançados, a fim de proporcionar o reconhecimento e a valorização feminina profissional. Ainda há muito por ser investigado, como biografias, produções, análises arquitetônicas: por isso, pesquisas nessa área devem ser incentivadas e realizadas, a fim de resgatar parte da história da arquitetura que ainda não foi escrita, com foco no papel feminino na construção de uma arquitetura moderna regional e nacional.

REFERÊNCIAS

Afonso, A. (2006). *La consolidación de la arquitectura moderna en Recife en los años 50 en Recife* [Tese de Doutorado, Escola Tècnica Superior d'Arquitectura de Barcelona].

Centro de recuperação para menores delinquentes (1955, 1 de fevereiro). *A Folha da Manhã*, (27).

Lima, E. R. (1985). *Modulando: notas e comentários, arquitetura e urbanismo* (Coleção Recife, Vol. 41). Fundação de Cultura do Recife.

Maia, Z. (1956, 1 de abril). Hotel em Maceió. *A Folha da Manhã*, (29).

Marques, S. (1983). *Maestro sem orquestra: um estudo da ideologia do arquiteto no Brasil. 1820-1950* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco].

Moreira, A. R., & Moreira, H. (1956, 1 de abril). Edifício de apartamentos. *A Folha da Manhã*, (41).

Porto, A. H. G. (2021). *Arquitetas no Recife: uma leitura de gênero das parcerias entre casais de arquitetos formados na década de 1960* [Tese de Doutorado, Universidade Federal de Pernambuco]. Repositório Digital da UFPE. <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/42951/1/TESE%20Andréa%20Halász%20Gáti%20Porto.pdf>